

SÍNTESE DE NOTÍCIAS N° 0334/20255

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 07/12/2025

Ministro das Relações Exteriores saudita e a Presidente do CICV discutem esforços humanitários durante ligação telefônica



O ministro das Relações Exteriores da Arábia Saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, participa de uma reunião com ministros das Relações Exteriores em Istambul em 3 de novembro de 2025.

O Ministro das Relações Exteriores saudita, Príncipe Faisal bin Farhan, revisou hoje os esforços humanitários conjuntos com a Presidente do Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV), Mirjana Spoljaric, durante uma ligação telefônica.

Ambos os funcionários revisaram a cooperação em aspectos humanitários e de ajuda humanitária, segundo a Agência de Imprensa Saudita, bem como os desenvolvimentos regionais e internacionais. **Fonte-Arab News**.

Grande imã da mesquita se reúne com Presidente da Assembleia da Macedônia do Norte



Afrim Gashi (R) recebe Maher Al-Muaiqly em Skopje.

O imã da Grande Mesquita de Meca, Maher Al-Muaiqly, reuniu-se recentemente com Afrim Gashi, presidente da Assembleia da Macedônia do Norte, em Skopje, informou a Agência de Imprensa Saudita. A visita de al-Muaiqly fez parte de um programa do Ministério dos Assuntos Islâmicos, Dawah e Orientação para fortalecer os laços com instituições religiosas e oficiais ao redor do mundo.

Gashi agradeceu à liderança saudita por seus esforços em servir ao Islão e aos muçulmanos e elogiou o papel do Reino na promoção da paz e moderação. Ele acrescentou que a visita do imã foi "um reflexo da cooperação profunda entre os dois países". Al-Muaiqly, por sua vez, "reafirmou o compromisso do Reino da Arábia Saudita em apoiar os assuntos islâmicos e engajar as comunidades muçulmanas". **Fonte-Arab News.**

Programa para combater o financiamento do terrorismo termina



O programa de cinco dias fazia parte da iniciativa de fortalecimento de capacidades da coalizão, com o objectivo de fortalecer as capacidades dos Estados-membros para combater crimes financeiros ligados ao terrorismo.

A Coalizão Militar Islâmica de Contraterrorismo concluiu seu programa avançado de treinamento em Nairóbi, Quênia, focado no combate ao financiamento do terrorismo e à lavagem de dinheiro. O programa de cinco dias fez parte da iniciativa de capacitação da coalizão apoiada pelo Reino da Arábia Saudita, com o objectivo de fortalecer a

capacidade dos Estados-membros para combater crimes financeiros ligados ao terrorismo. A cerimônia de encerramento contou com a presença do major-general Mohamed Nour Hassan, Vice-comandante do exército do Quênia, e de vários oficiais civis e militares. O programa reuniu especialistas dos sectores bancário, financeiro e de segurança, incluindo oficiais de conformidade financeira, investigadores e profissionais de combate à lavagem de dinheiro e ao financiamento do terrorismo, além de representantes de autoridades regulatórias e supervisoras. Combinava conhecimento teórico com exercícios práticos.

As sessões abordaram estruturas de legislação internacional, métodos emergentes de financiamento do terrorismo, mecanismos de lavagem de dinheiro e o uso de tecnologias digitais para monitoramento e análise.

O programa também abordou habilidades de liderança e gestão de conformidade corporativa, apoiados por estudos de caso e exercícios para aprimorar a capacidade dos participantes de rastrear fluxos financeiros suspeitos e analisar padrões complexos. A coalizão afirmou que o programa reflectia seu compromisso em ajudar os Estados-membros a construir sistemas nacionais eficazes para combater o financiamento do terrorismo e crimes financeiros, aprimorar a coordenação com parceiros regionais e internacionais e melhorar a eficiência dos especialistas. Esses esforços contribuem para respostas integradas que acompanham os desafios em evolução e apoiam a segurança e a estabilidade em níveis nacional e internacional. **Fonte-Arab News**.

Noruega alerta cessar-fogo em Gaza como 'frágil' e pede o rápido envio de força de estabilização



O ministro das Relações Exteriores da Noruega, Espen Barth Eide.

O ministro das Relações Exteriores da Noruega, Espen Barth Eide, disse ontem que a força de estabilização de Gaza e o Conselho de Paz devem ser implementados este mês, acrescentando que o cessar-fogo actual é "frágil e não pode se manter por muitas semanas em sua fase actual."

Falando no Fórum de Doha, no Qatar, ele disse que a força internacional de estabilização precisava funcionar como uma força de manutenção da paz. **Fonte-Reuters.**

Cruzeiro Saudita celebra a primeira visita do navio grego Celestyal Discovery



A ocasião contou com a troca de placas comemorativas em consonância com as tradições internacionais da indústria de cruzeiros.

A Cruise Saudi recebeu o navio Celestyal Discovery da companhia grega Celestyal Cruises no Porto Islâmico de Jeddah. A primeira visita do navio ao Reino enquanto a Arábia Saudita busca fortalecer sua presença no mapa do turismo de cruzeiros no Mar Vermelho. Segundo a Agência de Imprensa Saudita, a ocasião contou com a troca de placas comemorativas em linha com as tradições internacionais da indústria de cruzeiros, com a presença do capitão do navio, CEO da Cruise Saudi Lars Clasen, do CEO da Celestyal Cruises Chris Theophilides, e de autoridades de entidades governamentais e do sector marítimo. O evento incluiu uma visita ao navio para a delegação, destacando o nível de cooperação entre os interessados relevantes e aumentando a prontidão dos portos sauditas para receber navios de cruzeiro internacionais com alta capacidade operacional.

A visita ocorre poucos dias após a visita inaugural da Jornada Celestyal, em 29 de novembro, durante a qual os dois navios transportaram mais de 400 turistas da Europa e dos Estados Unidos — um indicativo do forte retorno da actividade internacional de cruzeiros ao Reino e da crescente demanda por itinerários no Mar Vermelho.

A Cruise Saudi continua desenvolvendo o sector de cruzeiros por meio da gestão de berços e terminais e do apoio às operações de navios, tendo recebido mais de 600.000 passageiros de mais de 120 países até o momento. As visitas sucessivas de navios internacionais de cruzeiro confirmam a crescente confiança no sector de cruzeiros do Reino e seu papel no apoio aos objectivos da Visão Saudita 2030, impulsionando os gastos turísticos, criando oportunidades de emprego e empoderando pequenas e médias empresas. **Fonte-Arab News**.

Autoridades sauditas prendem 19.790 ilegais em uma semana

As autoridades sauditas prenderam 19.790 pessoas em uma semana por violar as normas de residência, trabalho e segurança de fronteiras. Um total de 12.252 pessoas foram presas por violações das leis de residência, enquanto 4.384 foram detidas por tentativas ilegais de travessia de fronteira e outras 3.154 por questões relacionadas ao trabalho.

O relatório mostrou que, entre as 1.661 pessoas presas por tentarem entrar ilegalmente no Reino, 54% eram ethíopes, 45% iemenitas e 1% de outras nacionalidades. Outras 49 pessoas foram pegas tentando atravessar para países vizinhos, e 15 foram detidas por envolvimento no transporte e abrigo de infratores.

O Ministério do Interior afirmou que qualquer pessoa flagrada facilitando a entrada ilegal no Reino, incluindo transporte e abrigo, pode enfrentar prisão máxima de 15 anos, multa de até SR1 milhão (US$ 267.000), além de confisco de veículos e propriedades. Suspeitas de violações podem ser reportadas no número gratuito **911** nas regiões de Meca e Riade, e no **999** ou **996** em outras regiões do Reino. **Fonte-Arab News**.

UA condena ataques de drones no Sudão que matam civis

A União Africana criticou fortemente os ataques paramilitares com drones, matando dezenas, incluindo crianças no sul do Sudão, condenando as "repetidas e crescentes atrocidades cometidas contra civis." O ataque da passada quinta-feira na cidade controlada pelo exército de Kalogi envolveu três golpes, "primeiro em um jardim de infância, depois em um hospital e uma terceira vez enquanto as pessoas tentavam resgatar as crianças", disse Essam Al-Din Al-Sayed, chefe da unidade administrativa de Kalogi, à AFP. Ele culpou o ataque nas Forças de Apoio Rápido e seu aliado, a facção Movimento de Libertação do Povo do Sudão-Norte (SPLM-N), liderada por Abdelaziz Al-Hilu, que controla grande parte do Kordofan do Sul e partes do estado do Nilo Azul. **Fonte-AFP**.

O Ministro da Turquia afirma que as SDF não estão cumprindo o acordo com a Síria e pede administração de Gaza antes do desarmamento do Hamas



O Ministro das Relações Exteriores da Turquia, Hakan Fidan, fala durante uma entrevista à Reuters na 23ª edição do Fórum anual de Doha, em Doha, Qatar, 6 de dezembro de 2025.

O ministro das Relações Exteriores da Turquia, Hakan Fidan, disse ontem à Reuters que uma administração civil palestina credível e uma força policial treinada e selecionada deveriam estar em funcionamento, permitindo que o Hamas se desarme, afirmando que o grupo está disposto a entregar o governo do enclave. Em uma entrevista à margem do Fórum de Doha, Fidan disse que, sem esses passos iniciais, esperar que o Hamas se desarme na primeira fase do acordo de cessar-fogo não é "realista nem viável." Ele disse que a força policial proposta excluiria membros do Hamas e seria apoiada por uma força

internacional de estabilização. Ele acrescentou que Washington estava pressionando Israel sobre a tentativa da Turquia de ingressar na força.

Fidan alertou que a falha da comunidade internacional em avançar o plano de cessar-fogo para sua próxima etapa equivaleria a um "enorme fracasso" para o mundo e para Washington, observando que o presidente dos EUA, Donald Trump, liderou pessoalmente o avanço. As **SDF, demonstrando intenção de não honrar o acordo para integrar ao Estado** sírio. Fidan também disse ontem, que as Forças Democráticas Sírias (SDF) lideradas pelos curdos estão sinalizando "não intenção" de honrar seu acordo de integração às estruturas estatais sírias e, em vez disso, estão tentando contorná-lo. Ele afirmou que Ancara não está dando ao governo sírio um "cheque em branco" para oprimir minorias, acrescentando que todos na Síria "devem se sentir seguros e livres." O ministro também afirmou que as "políticas de desestabilização" de Israel na Síria são o principal obstáculo aos esforços para reconstruir a unidade no país. **Fonte-Reuters**.

Delegação da ONU encerra visita ao Líbano com um apelo por apoio internacional ao país em um momento 'crucial'



Samuel Zbogar, terceiro à esquerda, Representante permanente da Eslovênia nas Nações Unidas e presidente do Conselho de Segurança, faz ontem uma declaração com sua delegação em Beirute, Líbano, 6 de dezembro.

Uma delegação do Conselho de Segurança da ONU encerrou sua visita ao Líbano na passada sexta-feira, dizendo que a viagem ressaltou o apoio internacional ao país em um momento que descreveu como crucial para manter a calma ao longo de sua fronteira sul e avançar na implementação de resoluções da ONU de longa data.

Samuel Zbogar, embaixador da Eslovênia na ONU e presidente do Conselho de Segurança em dezembro, disse que a delegação recebeu "calorosa hospitalidade" de autoridades libanesas e destacou o "forte compromisso" do conselho com a estabilidade do Líbano e da região em geral. "O conselho delibera regularmente sobre a situação no Líbano e ao longo da Linha Azul", disse Zbogar a repórteres em Beirute. Ele afirmou que a visita é mais uma demonstração do compromisso do conselho, ocorrendo em um momento crucial para a implementação das resoluções relevantes e do acordo de cessar-fogo entre Israel e Hezbollah, mediado em novembro de 2024. Durante a viagem, a delegação realizou reuniões com o presidente do Líbano, o presidente do parlamento, o primeiro-ministro e o ministro das Relações Exteriores. Os membros também foram informados pelo comandante das Forças Armadas Libanesas, pelo chefe da missão de paz da ONU, por oficiais da ONU no Líbano e por um general dos EUA envolvido no

mecanismo de cessar-fogo. A delegação também visitou a área da Linha Azul e a sede da UNIFIL. Zbogar disse que as discussões se concentraram na situação política, econômica e de segurança do Líbano, com atenção especial ao trabalho da UNIFIL e ao papel das Forças Armadas Libanesas na manutenção da estabilidade. "Esta missão é uma demonstração do apoio da comunidade internacional ao Líbano e ao seu povo", afirmou, reafirmando o apoio do conselho à integridade territorial, soberania e independência política do país. **Fonte-AP**.

Netanyahu diz que espera avançar para a segunda fase da trégua em Gaza 'em breve'



O Primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu falando hoje durante uma colectiva de imprensa conjunta com o Chanceler alemão Friedrich Merz em Jerusalém, 7 de dezembro de 2025.

O Primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu disse hoje que espera avançar para a segunda fase do plano de cessar-fogo patrocinado pelos EUA para Gaza "muito em breve." Falando durante uma colectiva de imprensa conjunta com o Chanceler alemão Friedrich Merz após uma reunião entre os dois líderes, Netanyahu disse: "Discutimos como pôr fim ao domínio do Hamas em Gaza... Terminamos a primeira parte... E em breve esperamos avançar para a segunda fase, que é mais difícil." **Fonte-AFP**.

O Hamas diz que entregará as armas a uma autoridade palestina 'se a ocupação acabar'



Combatentes do Hamas patrulham uma rua antes de entregarem três reféns israelenses a uma equipe da Cruz Vermelha em Deir El-Balah, no centro de Gaza.

O Hamas anunciou ontem que está pronto para entregar suas armas na Faixa de Gaza a uma autoridade palestina que governa o território, sob a condição de que a ocupação do exército israelense termine. "Nossas armas estão ligadas à existência

da ocupação e da agressão", disse Khalil Al-Hayya, chefe negociador do Hamas e chefe de Gaza, acrescentando: "Se a ocupação terminar, essas armas serão colocadas sob a autoridade do Estado." Perguntado pela AFP, o escritório de Hayya disse que ele se referia a um estado palestino soberano e independente.
"Aceitamos o envio de forças da ONU como força de separação, encarregada de monitorar as fronteiras e garantir o cumprimento do cessar-fogo em Gaza", acrescentou Hayya, sinalizando a rejeição de seu grupo ao envio de uma força internacional na Faixa cuja missão seria desarmá-la. **Fonte-AFP.**

Curdos da Síria saúdam o 'impacto positivo' nas negociações de paz da Turquia



Esforços para intermediar a paz entre a Turquia e o grupo militante curdo PKK tiveram um "impacto positivo" sobre os curdos sírios, que também desejam diálogo com Ancara, disse ontem um de seus principais funcionários.

Esforços para intermediar a paz entre a Turquia e o grupo militante curdo PKK tiveram um "impacto positivo" sobre os curdos sírios, que também desejam diálogo com Ancara, disse ontem um de seus principais funcionários. No início deste ano, o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK) encerrou sua luta armada de quatro décadas contra a Turquia a pedido de seu fundador preso, Abdullah Ocalan, mudando seu foco para uma luta política democrática pelos direitos da minoria curda turca. O processo em andamento tem despertado esperanças entre os curdos de toda a região, especialmente na Síria, onde os curdos controlam extensas áreas de território no norte e nordeste.

"A iniciativa de paz na Turquia teve um impacto directo no norte e leste da Síria", disse Elham Ahmad, uma alta funcionária da administração curda no nordeste da Síria. "Queremos um processo de diálogo com a Turquia, um diálogo que entendamos como curdos na Síria... Queremos que as fronteiras entre nós sejam abertas", disse ela, falando por videoconferência de paz em Istambul organizada pelo partido de oposição pró-curdo da Turquia, o partido DEM.

Falando em curdo, ela elogiou a Turquia por iniciar as medidas de paz, mas disse que a libertação de Öcalan — que lidera o processo de sua cela na ilha prisional de Imrali, perto de Istambul, onde cumpre prisão perpétua em isolamento desde 1999 — aceleraria as coisas. "Acreditamos que a libertação de Abdullah Ocalan permitirá que ele desempenhe um papel muito maior... que esse processo de paz e resolução aconteça mais rápido e melhor."

Ela também elogiou Ancara por sua abordagem sensível ao diálogo com o novo regime em Damasco, que surgiu após a deposição do autoritário sírio Bashar Assad há um ano. "O governo turco tem um diálogo e uma relação com o governo sírio. Eles também têm canais abertos connosco. Vemos que há uma abordagem cuidadosa para essa questão", disse ela. A Turquia há muito tempo é hostil à força curda das SDF que controla grandes partes do nordeste da Síria, vendo-a como uma extensão do PKK e pressionando para que a força apoiada pelos EUA se integre ao aparato militar e de segurança sírio. Embora um acordo tenha sido alcançado para esse fim em março, seus termos nunca foram implementados. "Neste processo histórico, enquanto o Médio Oriente está sendo reorganizado, a Turquia tem um papel muito importante. Paz em ambos os países — dentro da sociedade turca, da sociedade curda e da sociedade árabe... impactará todo o Médio Oriente", disse Ahmad. A comunidade curda da Síria acreditava que a coexistência era "fundamental" e não queria ver a nação dividida, disse ela. "Não apoiamos a divisão da Síria ou de qualquer outro país. Tais divisões abrem caminho para novas guerras. É por isso que defendemos a paz." **Fonte-AFP**.

China usa IA para ampliar vigilância e controle da população, diz relatório



Câmeras de vigilância são vistas em um poste próximo à Torre Pérola Oriental em Xangai, China.

O Partido Comunista Chinês está usando inteligência artificial para intensificar a vigilância e o controle dos 1,4 bilhão de cidadãos do país, sendo que a tecnologia está se infiltrando cada vez mais no cotidiano, prevendo manifestações públicas e monitorando o humor de detentos, segundo um novo relatório.

Muitos desses sistemas já são bem documentados – desde o exército de censores online do país, responsável pela manutenção do Grande Firewall, sistema usado para restringir a internet global, até as câmeras de vigilância onipresentes em quase todas as ruas e quarteirões das áreas urbanas da China. Mas o relatório divulgado pelo ASPI (Instituto Australiano de Política Estratégica) detalha como as ferramentas de IA do governo, usadas para "automatizar a censura, aprimorar a vigilância e suprimir preventivamente a dissidência", tornaram-se mais sofisticadas nos últimos dois anos.

"A China está utilizando IA para tornar seus sistemas de controle existentes muito mais eficientes e intrusivos. A IA permite que o Partido Comunista Chinês monitore mais pessoas, mais de perto e com menos esforço", disse Nathan Attrill, co-autor do relatório

e analista sênior da China no ASPI. “Na prática, a IA tornou-se a espinha dorsal de uma forma muito mais abrangente e preditiva de controle autoritário", adiciona. O ASPI é parcialmente financiado pelo governo australiano e outros governos estrangeiros. Os autores acrescentaram que as implicações desse uso da tecnologia são amplas e profundas, permitindo ao governo chinês um controle ainda maior sobre o policiamento de sua população e a gestão do fluxo de informações, além de fortalecer seu poder no exterior como exportador global de tecnologia de vigilância.

Pequim investiu centenas de bilhões de dólares em negócios relacionados à IA, fazendo grandes avanços em pesquisa e desenvolvimento – apesar dos esforços dos EUA para restringir o fornecimento de chips de IA de alta potência para a China. O público também abraçou a tecnologia: uma pesquisa de 2024 do grupo de pesquisa global Ipsos constactou que os entrevistados chineses estavam muito mais entusiasmados e optimistas em relação à IA do que a população de outros 32 países. Até mesmo o líder chinês, Xi Jinping, destacou a importância da inteligência artificial na política de internet em evolução do país. **Fonte-CNN Brasil.**

EUA e a China compartilham mesma ambição industrial, a diferença é que o gigante asiático tem uma vantagem fundamental



O Gigante asiático não compete mais apenas com mão de obra: está implantando robôs e sistemas de IA. EUA estão tentando reconstruir a sua capacidade de produção, mas enfrentam inúmeros desafios Durante anos, verificar a etiqueta de qualquer dispositivo, peça de roupa ou carregador era quase uma formalidade. A resposta era geralmente a mesma: "Made in China". Essa frase tornou-se a prova silenciosa de que o gigante asiático havia conseguido se estabelecer como a fábrica do mundo.

De celulares de marcas americanas a pequenos componentes de electrodomésticos europeus, grande parte do que usamos diariamente vem de linhas de produção chinesas, mas essa realidade está começando a mudar. A liderança industrial da China não se sustenta mais apenas na abundância de mão de obra e nos baixos custos, e o modelo que dominou as últimas décadas precisa ser transformado. A mudança não é apenas econômica, mas também social. Cada vez menos jovens chineses querem trabalhar em fábricas, um fenômeno que segue padrões semelhantes nos Estados Unidos: trabalhos fisicamente exigentes, longas jornadas e perspectivas de carreira limitadas. Em ambos

os casos, a indústria deixou de ser sinônimo de progresso para muitos e é vista mais como um destino do qual se deve escapar. Mesmo assim, tanto a China quanto os Estados Unidos consideram a indústria manufatureira estratégica, seja para manter a influência global ou para reduzir a dependência de países estrangeiros. Tudo indica que nenhum dos dois países está tentando reviver o modelo antigo, mas sim construir um novo baseado em automação e inteligência artificial. **Fonte-Terra Brasil.**

Treinador palestino recebe esperança e conselho da mãe na tenda de Gaza



Os jogadores da Palestina ouvem o técnico Ihab Abu Jazar durante um treino antes da partida da fase de grupos da Copa Árabe FIFA 2025 contra a Síria, em Doha, Qatar.

O técnico Ehab Abu Jazar está guiando uma seleção nacional que carrega nos ombros todas as esperanças e tristezas do futebol palestino, mas é sua mãe, forçada pela guerra a viver em uma tenda em Gaza, quem é sua principal inspiração e motivação. A guerra que eclodiu após o ataque sem precedentes do Hamas a Israel em 7 de outubro de 2023 pôs fim às partidas da liga palestina e deixou atletas no exílio temendo por seus entes queridos em Gaza.

Mas a mãe de Abu Jazar se recusa a deixar o conflito ofuscar os sonhos desportivos de seu filho, a quem ela fornece conselhos tácticos dos escombros do território palestino por telefone. "Ela fala comigo só do time. Ela quer que o foco permaneça exclusivamente no torneio", disse o técnico de 45 anos à AFP. "Minha mãe me pergunta sobre os jogadores, quem vai jogar como titular e quem vai faltar, sobre as táticas, o moral dos jogadores e as circunstâncias que os cercam."

O treinador, ele próprio ex-lateral-esquerdo, diz que quer que seus jogadores transmitam o espírito de sua mãe e de gazenses como ela. "Sempre dizemos que somos uma pequena família palestina representando a família maior", disse ele. "Sem dúvida, isso coloca pressão sobre nós, mas é pressão positiva." A equipe palestina está em 96º lugar no ranking da FIFA, e sua esperança de disputar sua primeira Copa do Mundo desapareceu neste verão. Mas o elenco, a maioria dos quais nunca pisou em Gaza, está perto das quartas de final da Copa Árabe, mantendo viva sua mensagem de resiliência.

A Palestina enfrenta hoje a Síria em sua última partida do grupo da Copa Árabe, onde um empate seria suficiente para alcançar um feito sem precedentes para a equipe. Ele disse que o progresso mostraria ao mundo que os palestinos, se dadas as condições certas, podem "se destacar em todos os campos."

- 'Genes da resiliência' -

Abu Jazar encerrou sua carreira de jogador em 2017 antes de comandar a selecção palestina sub-23 e, eventualmente, assumir o cargo principal no ano passado. Após o início da guerra, a casa de sua família foi destruída, deslocando sua mãe para Gaza, como a maior parte da população do território durante o auge do conflito. Agora ele sente pressão para entregar por eles após testemunhar do exílio os horrores da guerra, que chegou ao fim em outubro graças a um frágil cessar-fogo apoiado pelos EUA. "Em um momento, foi um fardo, especialmente no início da guerra", disse ele.

"Não conseguíamos compreender o que estava acontecendo. Mas possuímos os genes da resiliência. "Se nos rendermos e cedermos a esses assuntos, nós, como povo, desapareceremos." Em seu papel de conselheira materna, a mãe de Abu Jazar, que usa o apelido tradicional um Ehab, só é contactada quando tem energia e sinal. Mas ela trabalha dia e noite para encontrar uma forma de assistir às partidas do time. "Minha mãe e meus irmãos... Tenho muita dificuldade para assistir nossas partidas na televisão. Eles pensam em como gerenciar o gerador, comprar combustível para funcionar e conectá-lo à TV", disse ele. Essa determinação o está empurrando a dar aos habitantes de Gaza qualquer alívio da realidade da guerra. "Isso é o que nos mantém de pé e nos dá motivação para trazer alegria ao nosso povo", disse ele. "Todas essas circunstâncias nos empolgam a lutar no campo até o último suspiro." **Fonte-AFP**.

O que vem a seguir para a cooperação Turquia-Irão-Reino da Arábia Saudita?



DRA. SINEM CENGIZ
06 de dezembro de 2025

Altos funcionários turcos e sauditas fizeram na semana passada visitas separadas a Teerão, onde trouxeram à mesa as preocupações comuns que compartilham e possíveis formas de cooperar. Tradicionalmente, Turquia, Irão e Reino da Arábia Saudita são as principais potências regionais no Médio Oriente. Nem a cooperação deles nem a competição acontecem no vácuo; ao contrário, as dinâmicas regionais e internacionais desempenham um papel fundamental e a natureza de seus relacionamentos é moldada por essas dinâmicas.

Nas últimas duas décadas, as relações de Ancara tanto com Riade quanto com Teerão passaram por inúmeros altos e baixos. Nos anos 2000, o equilíbrio regional de poder, que favoreceu o Irão devido ao desfecho da invasão americana do Iraque, pressionou a Turquia e o Reino da Arábia Saudita a desenvolverem relações mais próximas. Na década de 2010, quando as relações turco-sauditas estavam tensas devido a desenvolvimentos regionais, Ancara e Teerão cooperaram em dossiers específicos, como a Síria.

No entanto, na política internacional, não há inimigos permanentes ou alianças, apenas interesses permanentes. O Médio Oriente já provou isso muitas vezes: o inimigo de ontem pode se tornar o aliado do amanhã. Mudanças geopolíticas e inseguranças emergentes frequentemente levam os países a deixar as diferenças ideológicas de lado em prol da estabilidade regional. Agora estamos testemunhando o desenrolar de uma situação semelhante.

Quando se trata das relações de Riade e Ancara com Teerão, cooperação e competição ocorrem em conjunto e isso cria uma espécie de equilíbrio. Mas seria ingênuo argumentar que as diferentes aspirações regionais desses estados não existem. A recente intensificação do contacto entre eles parece ir além da mera actividade diplomática; pelo contrário, reflecte um esforço para mudar a natureza dos relacionamentos deles. Seus padrões diplomáticos também mostram que essas três potências buscam um marco alternativo para a cooperação regional — um que vá além de seus compromissos bilaterais, rumo a uma colaboração mais tripartite.

Turquia e Irão são vizinhos que diferem em várias frentes regionais. No entanto, a dinâmica de suas relações oscila entre rivalidade controlada e cooperação. A compartimentalização de diferentes questões tem sido o principal motor da relação entre Teerão e Ancara.

Além disso, a Turquia tem sido uma das apoiadoras da reconciliação saudita-iraniana. As dinâmicas de segurança e configurações de poder em mudança na região, assim como a percepção dessas mudanças por Teerão e Riade, constituem um factor primordial por trás da durabilidade de sua reconciliação. A interação entre preocupações de segurança, solidariedade em torno de Gaza e questões regionais tem sido fundamental para o processo contínuo entre o Reino da Arábia Saudita e o Irão.

Hoje, há um consenso normativo entre essas três potências sobre a questão palestina e uma busca compartilhada por "solidariedade regional". Em uma colectiva de imprensa conjunta, os ministros das Relações Exteriores da Turquia e do Irão declararam que consideram Israel "a maior ameaça à estabilidade no Médio Oriente", citando a situação em Gaza, as tensões no Líbano e na Síria, e preocupações mais amplas sobre as "políticas expansionistas" de Israel.

Declarações feitas por autoridades destacam que a região não está entrando, mas já está em uma fase sensível, com atenção voltada para como suas relações podem amenizar as tensões que podem levar a região a uma nova ronda de confronto. Quando Israel atacou o Irão em junho, Ancara argumentou que Teerão tinha o "direito legítimo" de se defender. Isso ecoa a visão de Riade, que também condenou publicamente as acções de Israel.

Os ataques israelenses mudaram fundamentalmente as percepções regionais desses países. Por muito tempo, o Irão foi visto como o principal desestabilizador da região, tanto pela Turquia quanto pelos estados do Conselho de Cooperação do Golfo. No entanto, Israel assumiu efectivamente esse papel hoje. Essa visão foi reflectida em declarações feitas por alguns funcionários do CCG, que alertaram sobre os perigos de isolar o Irão. Por isso, tanto a Turquia quanto os Estados do CCG querem aproveitar seus laços com o Ocidente para evitar isolar o Irão na região diante da agressão israelense.

Além disso, a rede de procuração do Irã foi significativamente enfraquecida. O Irão de hoje é diferente do de uma década atrás. Assim, parâmetros mudaram e percepções mudaram.

Teerão também está sinalizando que quer aproveitar as novas aberturas diplomáticas com Ancara e Riade. Embora os três estados tenham uma posição firme em relação a Israel, seu alinhamento actual não é ideológico, mas sim pragmático. No entanto, eles precisam utilizar instituições regionais eficazes para fortalecer seu alinhamento. Suas adesões existentes — como a Turquia na OTAN, o Reino da Arábia Saudita no CCG e o Irão na Organização de Cooperação de Xangai — não têm implicações regionais para sua cooperação tripartite.

No entanto, existe uma organização da qual todos esses três poderes são membros e que pode ser usada como plataforma para abordar suas preocupações comuns. Turquia, Reino da Arábia Saudita e Irão são todos membros activos da Organização de Cooperação Islâmica, que serve como um espaço significativo para que esses estados demonstrem seu envolvimento em conflitos regionais. Embora a OCI tenha potencial para desempenhar um papel fundamental na defesa da paz, é crucial que seus membros tomem medidas adicionais para garantir que a agressão israelense chegue ao fim.

Como membros-chave da OCI, Turquia, Reino da Arábia Saudita e Irão estão profundamente preocupados com o potencial de desestabilização regional, se não de guerra aberta. A cooperação que buscaram durante a guerra de Gaza, mesmo no nível de uma frente diplomática conjunta, foi significativa. Esforços contínuos e mais concretos para um tipo semelhante de cooperação são necessários para que aprofundem sua cooperação e fortaleçam o papel e o status da OCI.

A Dra. Sinem Cengiz é uma analista política turca especializada nas relações da Turquia com o Médio Oriente. X: @SinemCngz.

Aviso legal: A opinião expressa pela escritora nesta sessão é própria e não reflecte necessáriamente o ponto de vista da **Arab News.**

